

## A IMPORTÂNCIA DA MENSAGEM DA CRUZ PARA OS DIAS ATUAIS

### UMA REFLEXÃO A PARTIR DO CHAMADO DE JESUS

THIAGO SILVA SALES

Graduado, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

ACYR DE GERONE JUNIOR

Doutor, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

BRUNO SILVEIRA ALBUQUERQUE

Doutor, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

YOHANS DE OLIVEIRA ESTEVES

Doutor, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

**Resumo:** O artigo aborda a mensagem da cruz, sua importância teológica e como a igreja brasileira tem tratado a cruz em seus cultos. A cruz foi usada como instrumento de execução, foi sinônimo de vergonha para toda uma nação, porém ganha um novo significado a partir do momento que Jesus a usa para redimir todos aqueles que creem em seu Nome, também a partir Dele há um novo chamado para que quem desejar ser seu discípulo, a tome e o siga. A partir deste convite, faz-se necessário investigar o que a igreja contemporânea tem feito em seus dias



com esse convite e como tem tratado a mensagem da cruz em seus cânticos, leitura bíblica e sermões.

**Palavras-chave:** Cruz. Evangelho. Cristologia.

**Abstract:** The article addresses the message of the cross, its theological importance and how the Brazilian church has treated the cross in its services. The cross was used as an instrument of execution, it was synonymous with shame for an entire nation, but it gains a new meaning from the moment Jesus uses it to redeem all those who believe in his Name, also from Him there is a new call for whoever wishes to be His disciple, to take it and follow Him. From this invitation, it is necessary to investigate what the contemporary church has done in its day with this invitation and how it has treated the message of the cross in his songs, Bible readings, and sermons.

**Key-words:** Cross. Gospel. Christology

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a cruz foi utilizada como instrumento de execução para criminosos, rebeldes e traidores, gerando repulsa na sociedade. No entanto, Jesus Cristo transformou esse símbolo de condenação em um emblema de redenção, declarando que todo aquele que desejasse segui-lo deveria "tomar a sua cruz" (Lc 9.23).

No Novo Testamento, a cruz é frequentemente destacada como o centro da mensagem redentora de Cristo, trazendo libertação e esperança para os que creem. Já no Antigo Testamento, o sacrifício da cruz, embora não explicitamente presente, é revelado por meio de tipos e sombras, apontando para a obra salvadora de Jesus.



Diante dessa centralidade, torna-se urgente disseminar a mensagem da cruz para garantir que ela permaneça no cerne da fé cristã. Este trabalho propõe investigar se essa mensagem tem sido efetivamente difundida nos hinos, leituras bíblicas e sermões durante a realização de alguns cultos evangélicos na cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, adota-se uma abordagem metodológica que combina pesquisa bibliográfica, com o objetivo de explorar a relevância da cruz nos textos bíblicos lidos, e pesquisa descritiva, voltada para analisar como essa mensagem é tratada nas práticas das igrejas contemporâneas.

Embora não busque esgotar o tema, este estudo pretende ressaltar a importância da mensagem da cruz para os nossos dias e contribuir de maneira significativa para que essa mensagem permaneça como um elemento central nos cultos. Além disso, espera-se que o trabalho inspire esforços para garantir que a mensagem da cruz seja transmitida fielmente às futuras gerações de cristãos, preservando seu impacto transformador na fé e na prática da igreja.

## 2 O PAPEL DA CRUZ NOS CONTEXTOS DO IMPÉRIO ROMANO E DO NOVO TESTAMENTO

A cruz, símbolo de sofrimento e morte, é, ao mesmo tempo, o mais poderoso emblema de redenção e reconciliação no cristianismo. Nos contextos históricos e teológicos, ela representa um ponto de encontro entre o sagrado e o profano, onde os elementos da cultura romana e judaica convergem, cada um com percepções distintas, mas igualmente marcantes sobre esse instrumento de execução.

Os romanos a viam como uma punição pública, destinada a humilhar e suprimir rebeldes e criminosos, os judeus a associavam à maldição e à rejeição divina. No entanto, a narrativa do Novo Testamento transforma a cruz em um símbolo de amor, sacrifício e redenção,



redefinindo-a na figura de Cristo.

Nessa perspectiva, esta seção analisa o significado e a profundidade histórica e espiritual da cruz, desde suas origens até o seu papel central nos Evangelhos e nas Cartas Paulinas, mostrando como a crucificação de Cristo traz novo significado a um instrumento de morte, tornando-o um caminho de vida e salvação para a humanidade.

## 2.1 A cruz no contexto histórico e cultural

De forma geral, a cruz não era vista de forma positiva. Stott (2006) aponta que, se os romanos encaravam a crucificação com horror, os judeus viam da mesma maneira, embora por razões distintas. Ainda segundo o autor, os judeus não faziam distinção entre o madeiro e a cruz, ou entre enforcamento e crucificação, e aplicavam automaticamente aos crucificados a terrível declaração da lei: “o que for pendurado no madeiro é maldito por Deus” (Dt 21.23).

No período mosaico, o enforcamento seguido pelo ato de pendurar o cadáver em uma árvore ou em um poste de madeira era uma advertência para a população sobre as consequências da violação de leis passíveis de pena de morte. Nessa prática, o corpo devia ser retirado do madeiro antes do pôr do sol para ser sepultado, afinal, deixar o corpo pendurado contaminaria a terra, não apenas de forma literal, pela decomposição, mas também simbolicamente, pois a terra era um presente de Deus ao povo de Israel (CRAIGIE, 2013).

Segundo Barbet (2018), o uso punitivo da cruz é registrado na história de diversas culturas. Os gregos tinham horror à crucificação e, por isso, inicialmente não a adotaram como método de execução. Ela passou a fazer parte dos costumes no tempo de Alexandre, o Grande, que a copiou dos persas. Posteriormente, ela foi utilizada na Síria sob o governo dos selêucidas e no Egito sob o governo dos ptolomeus, dinastias que



governaram Israel durante o domínio grego. Em Siracusa, cidade grega, Dionísio, o tirano, praticou-a influenciado pelos cartagineses (BARBET, 2018).

Ainda segundo Barbet (2018), a cruz era formada por duas partes distintas. A peça vertical, permanentemente fixada no solo como um poste, era chamada de *stipes crucis* — o “tronco da cruz”. A outra, uma parte móvel que se fixava horizontalmente sobre a primeira, era o *patibulum* (de “patere” — “estar aberto”). O *patibulum* geralmente era carregado pelo condenado sobre a nuca, com os braços estendidos e amarrados, impedindo-o de agredir outras pessoas. De fato, historicamente, a crucificação era um castigo de natureza política e militar. Entre os romanos, aplicava-se especialmente às classes mais baixas, como escravos, criminosos violentos e elementos fora da lei em províncias rebeldes, incluindo a Judéia. Os crucificados eram, em geral, pessoas desprovidas de direitos, grupos cujo desenvolvimento precisava ser contido a todo custo para manter a lei e a ordem no Estado (HENGEL, 1978).

A principal razão de uso da cruz como punição era a eficácia suprema como penalidade pública. A exposição pública da vítima, geralmente despida e posicionada em locais visíveis — encruzilhadas, teatros ou áreas elevadas —, intensificava a humilhação extrema imposta pela crucificação (HENGEL, 1978).

## 2.2 A cruz nos Evangelhos

Segundo Strong (2005), a palavra “cruz” (do grego *staurós*) aparece 27 vezes ao longo da Bíblia Sagrada, com 16 dessas ocorrências concentradas nos Evangelhos.

A tabela 1 apresenta a frequência da palavra “cruz” nos Evangelhos, assim como a sua porcentagem em cada um deles.



Tabela 1 – “Cruz” nos Evangelhos

<b>Livro</b>	<b>Quantidade</b>	<b>%</b>
Mateus	5	31%
Marcos	4	25%
Lucas	3	19%
João	4	25%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaborado pelo autor

Como se percebe, o maior número de referências à cruz está no Evangelho de Mateus, o que leva a uma reflexão sobre seu propósito. Segundo Köstenberger, Kellum e Quarles (2022), Mateus, um dos 12 discípulos que caminharam com Jesus, escreveu seu evangelho para demonstrar ao povo judeu que Jesus era o Messias prometido no Antigo Testamento. Assim, o uso da cruz torna-se necessário no processo de ensino aos judeus, embora, conforme já mencionado, o madeiro fosse visto como uma maldição por eles.

A perspectiva do Evangelho de Marcos é bem significativa. Após realizar alguns milagres em Betsaida, Jesus parte com seus discípulos para o norte, subindo o rio Jordão em direção a Cesareia de Filipe. Marcos relata que, nesse caminho, Jesus ensina e questiona seus discípulos e a multidão ao redor.

Segundo Ratzinger (2020), este caminho representa a jornada rumo a Jerusalém, o centro da história da salvação e o lugar onde o destino de Jesus na cruz e sua ressurreição se concretizariam (Mc 8.27).

Nesse período, “o controle romano sobre a Palestina foi mantido com uma política de terror marcada por chacinas, escravidão e crucificações



em resposta a qualquer rebelião” (REINKE, 2022, p. 231). No contexto dessa opressão, após a declaração de fé do apóstolo Pedro sobre quem Jesus era, Marcos registra as palavras de Jesus que lhes disse: “Se alguém quer vir após mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8.34).

Essas palavras equivalem a um julgamento, no qual os cristãos precisam escolher entre confessar ou negar Jesus. A escolha por confessá-lo exige autonegação, ou seja, espera-se que a pessoa esteja disposta a dar a própria vida, renunciar a Jesus para tentar salvar a vida é um erro, pois, não traria verdadeiro ganho, mas sim uma perda irreparável (MYERS, 2021)

Quando Jesus chama seus discípulos a tomarem “a sua cruz”, ele se refere ao sofrimento que cada seguidor deve aceitar em sua jornada de fé. Esse sofrimento, contudo, está diretamente ligado à cruz de Cristo e não a um sofrimento comum da vida. Moltmann (2011) explica que esse sofrer é parte da jornada cristã, pois, enquanto Jesus sofreu e morreu sozinho, seus discípulos sofrem e morrem em comunhão com ele.

Deste modo, o uso da cruz nos Evangelhos revela uma profunda inversão de valores, transformando um símbolo de humilhação e condenação em um emblema de redenção e sacrifício. Embora associada ao desprezo e à punição, especialmente sob a perspectiva romana e judaica, a cruz assume, nas palavras e nos atos de Jesus, um significado redentor.

Essa ressignificação reflete o núcleo da mensagem bíblico-cristã, que enxerga na entrega de Cristo não apenas uma demonstração de amor, mas a base para uma nova relação entre Deus e a humanidade.

### 2.3 A cruz nas Cartas Paulinas

Segundo Sorge (2021, p. 23), “a cruz é o evento mais memorável de Deus”. Por isso, esse tema também foi o centro da mensagem do apóstolo



Paulo, que declarou: “porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado” (1Co 2.2). Do mesmo modo, Paulo manteve esse foco ao pregar entre as igrejas da Galácia, onde questionou: “ó insensatos gálatas! Quem vos fascinou para não obedecerdes à verdade, a vós, perante os olhos de quem Jesus Cristo foi evidenciado, crucificado, entre vós?” (Gl 3.1).

De acordo com Cerfaux (2012), o evangelho é a obra e o poder de Deus, estendendo-se sobre a fraqueza humana simbolizada pela cruz de Cristo. Assim sendo, o cristianismo se fundamenta precisamente naquilo que, aos olhos humanos, é fraqueza e desonra: isto é, a cruz. Cerfaux (2012) ainda explora o cumprimento da lei por meio da morte de Jesus quando afirma que

A lei causava a morte da humanidade precipitando-a no pecado. Esta morte, que seria sem saída (é sem saída do lado da Lei), toma um sentido quando Cristo morre na cruz. A morte na Lei era, portanto, orientada para esse momento decisivo; ela encontra sua explicação e justificação profunda quando Cristo morre, concentrando em si todas as maldições parciais dos pecados fomentados pela Lei. A Lei se consuma na morte de Cristo e resolve-se assim misteriosamente na vida que nasce. A lei morre com Cristo, nós todos morremos para a Lei, e vivemos com Cristo. A epístola aos Colossenses 2.13-14, dramatiza a anulação da Lei pela Cruz de Cristo. Os preceitos da Lei, que não eram observados, sublinhavam nossos pecados e tornavam-se nosso ato de acusação. Cristo o anula (CERFAUX, 2012, p. 123).

Não obstante, faz muito sentido o que Paulo diz na carta aos Gálatas (2.19), quando declara estar “crucificado” com Cristo. Ademais, Stott (2022) observa que, literalmente, isso não corresponde a um fato físico, mas reflete a mensagem central que Paulo deseja comunicar. De olho no contexto, a partir dos versículos 15-21, constatamos que Paulo está tratando do tema central da justificação, afirmando que os pecadores não são justificados pela lei, mas pela graça de Deus mediante a fé em Cristo. Portanto, a função da lei é condenar, pois ela expõe o pecado e prescreve a morte como penalidade. Assim sendo, se cada pessoa tivesse de pagar por





sua própria condenação, a humanidade estaria sem esperança.

No entanto, Deus providenciou um caminho para o cumprimento da lei: Cristo, ao morrer na cruz e ressuscitar, satisfaz as exigências da lei. Paulo ensina que, unidos a Cristo pela fé em sua obra redentora na cruz, os crentes recebem uma vida que antes estava condenada pela lei. Assim, não vivemos mais sob a condenação da lei, pois, ao sermos “crucificados com Cristo”, morremos para a lei, e Cristo passa a viver em todos que creem em sua mensagem.

Por fim, em sua epístola à igreja de Éfeso, Paulo também afirma que Cristo, por meio de sua morte na cruz, fez de dois povos — judeus e gentios — um só. Ele escreve: “e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por meio da cruz, destruindo a inimizade por meio dela” (Ef 2.16). Dessa forma, a cruz não só reconcilia o ser humano com Deus, mas também une aqueles antes divididos, transformando-os em um único povo.

Constatamos, então, que o tema da cruz é central nos escritos e na teologia paulina, representando o núcleo da redenção e da reconciliação entre Deus e a humanidade. Para Paulo, a cruz de Cristo não é apenas um evento histórico de sofrimento e morte, mas o ponto culminante do plano divino de salvação, onde a lei é cumprida, o pecado é vencido e a graça é manifestada de forma plena.

### 3 A TEOLOGIA DA CRUZ A PARTIR DA REFORMA PROTESTANTE

Como vimos, ao longo da história, a cruz assumiu significados variados, passando de um símbolo de humilhação e punição nas culturas antigas a um emblema de redenção nas Escrituras Sagradas. Agora, avançamos para outro marco significativo: a Reforma Protestante, um período histórico e teológico que redefiniu profundamente o entendimento da cruz e seu papel na igreja e na vida cristã.



Analisaremos nesta seção o uso da cruz e das relíquias na igreja da Idade Média e apresentar as importantes mudanças teológicas originadas pela Reforma, que ressignificou a cruz como o centro da fé e do conhecimento cristão, colocando Cristo como o único mediador entre Deus e a humanidade.

### 3.1 A cruz e seu uso na igreja da Idade Média

Como constatamos em alguns relatos, a igreja da Idade Média estava envolta em práticas que se distanciavam dos princípios da fé bíblica, especialmente no que se refere ao culto às relíquias. Essas relíquias, tidas como sagradas, assumiam funções de intercessão espiritual, proteção e símbolo de poder, sendo veneradas como mediadoras entre o homem e o divino e servindo como instrumentos de prestígio e autoridade para igrejas e líderes religiosos.

Esse uso das relíquias reflete o que o filósofo americano J. D. Peters (2015) descreve sobre a presença de mediadores sagrados em toda prática religiosa. Entre esses mediadores, Peters destaca Bíblias, pergaminhos, sinos, sacramentos, ritos, locais de peregrinação, vestimentas e, especialmente, relíquias, os quais, conforme a prática religiosa, têm o potencial de se tornarem pontes entre o ser humano e o sagrado.

Em concordância, Aguiar (2024) afirma que a comunidade cristã teve suas origens em locais de culto aos mártires, situados em cemitérios das grandes cidades romanas. Esses locais, inicialmente periféricos, logo se tornaram o centro da devoção cristã. Nos primeiros séculos, o cristianismo expandiu-se para além das fronteiras dos territórios citados no Novo Testamento, alcançando regiões onde não havia perseguições ou martírio. A partir daí, peregrinações se intensificaram, à medida que fiéis e estudiosos buscavam conhecer as terras mencionadas nos textos sagrados.



Nesse contexto de busca pelo sagrado, Morciano (2023) relata a busca pela verdadeira cruz de Cristo entre 326 e 328 d.C. Segundo a tradição, Helena, mãe do imperador Constantino, encontrou o túmulo de Cristo. Perto dele, havia três cruzes, e ao tocar uma mulher doente com uma dessas cruzes, ela recuperou a saúde. Esse fragmento foi então recolhido e exposto no palácio de *Sessorianum*.

Para Morciano (2023), a Basílica da Santa Cruz em Roma é uma parte de Jerusalém na cidade eterna. Segundo a autora, o fragmento da cruz, assim como outros objetos encontrados na terra santa, transmitia sua sacralidade a outros objetos, mesmo anônimos, através do contato. Ela afirma:

(..) Basta que um fragmento sagrado entre em contato com um objeto anônimo para transmitir sua sacralidade. Uma transmissão que permitiu a fragmentação de objetos sagrados e de restos mortais de santos e mártires. Assim se explica por que diferentes partes do corpo de um santo, por exemplo, se encontram em lugares diversos e expostas à devoção dos fiéis. São testemunhas espirituais vivas e, portanto, não vinculadas ao conceito material de integridade. (MORCIANO, 2023, pág. 1)

Não é por menos que, durante a Idade Média, a cruz também foi usada como símbolo de inspiração para as chamadas “guerras santas”. Segundo Dufar (2022), o discurso do papa Urbano II inflamou uma multidão para uma expedição armada com destino a Jerusalém, encarando-a como um ato sagrado em nome da cruz. No discurso papal traduzido por Dufar, Urbano menciona:

(...) Vedes aqui, continuou o Pontífice, a realização da promessa divina: Jesus Cristo declarou, que quando seus discípulos se reunissem em seu nome, Ele estaria no meio deles. Sim, o Salvador do mundo está agora em nosso meio e é Ele mesmo que vos inspira os brados que acabo de ouvir. Que essas palavras: Deus o quer! sejam para o futuro vosso grito de guerra e anunciem por toda a parte a presença de Deus dos exércitos. É o próprio Jesus Cristo que sai de Seu túmulo e que vos apresenta sua Cruz. Ela será o sinal, erguido entre as nações, que deve reunir os filhos dispersos de Israel; levai-a em vossos ombros ou sobre o vosso peito; que ela brilhe sobre as vossas armas e sobre os vossos estandartes. Ela será para vós o penhor da vitória ou a



palma do martírio; ela vos há de lembrar continuamente que Jesus Cristo morreu por vós e que deveis morrer por Ele (DUFAR, 2022, p. 1, grifo nosso)

A citação de Dufar (2022) ilustra como, ao longo da história, o significado da cruz – um símbolo do sacrifício de Cristo – e das relíquias cristãs passou por diversas transformações. A cruz, além de representar a fé, foi utilizada como símbolo de poder e inspiração em batalhas armadas. A circulação das relíquias como objetos de troca tornou-se um elemento crucial para os bispos, pois a aquisição de novas relíquias aumentava o prestígio de uma igreja, e seu culto promovia cerimônias solenes.

As relíquias também funcionavam como fontes de poder político, frequentemente substituindo a autoridade secular em momentos de descentralização no período medieval, entre os séculos X e XV. Com seu valor espiritual e simbólico, a cruz e outros objetos sagrados tornaram-se o centro de conflitos religiosos em várias regiões da Europa (AGUIAR, 2024).

Esse panorama evidencia como as relíquias da cruz foram reinterpretados e utilizados ao longo da Idade Média para fins que se distanciaram dos princípios da fé bíblica, incluindo a veneração de objetos sagrados e seu uso em conflitos armados. Essas práticas não só contribuíram para um culto externo e muitas vezes político, mas também acabaram por ofuscar o sentido original da cruz como emblema de redenção.

Diante desse contexto, torna-se evidente a necessidade de uma mudança que resgate o significado central da cruz na vida cristã, tema que será abordado por Lutero no contexto da Reforma, que propôs uma volta ao essencial da fé.

### 3.2 A Teologia da Cruz

Com a Reforma Protestante, iniciou-se uma época de intensas e até



violentas críticas, especialmente no que dizia respeito à presença real das relíquias e à autenticidade das relíquias sagradas. O culto às relíquias tornou-se um verdadeiro campo de batalha entre católicos e protestantes, simbolizando aquilo que os protestantes consideravam ser o protótipo de superstições e idolatrias, das quais desejavam se distanciar.

Essa prática foi amplamente criticada e rejeitada pelos “hereges” protestantes da época, que defendiam a ideia de uma igreja invisível e negavam a necessidade de objetos materiais como intermediários na relação entre o fiel e Deus. A veneração dos restos mortais era, para eles, motivo de indignação (AGUIAR, 2024).

Em 26 de abril de 1518, Martinho Lutero presidiu a disputa de abertura do capítulo da Ordem Agostiniana em Heidelberg, onde apresentou uma série de teses para debate. Nessas teses, os principais elementos daquilo que viria a se tornar sua “teologia da cruz” começaram a se delinear, expressando uma nova e radical perspectiva teológica. McGrath (2014), em sua obra, apresenta alguns desses aspectos centrais da visão de Lutero sobre a cruz, conforme segue

19. Aquele que observa as coisas invisíveis de Deus, compreendidas por intermédio das coisas criadas, não merece ser chamado de teólogo.

20. Mas aquele que compreende as partes visíveis posteriores de Deus, observando no sofrimento e na cruz, merece ser chamado de teólogo. (MCGRATH, 2014, p. 202)

Para Lutero, o fundamento teológico essencial reside na meditação profunda sobre os sofrimentos de Cristo. Para ele, a cruz, representada pelo Jesus crucificado e ensanguentado, precisa continuar impactando profundamente todos os leitores e ouvintes (MCGRATH, 2014).

Essa abordagem de Lutero convida o crente a usar a imaginação e as emoções para compreender a gravidade e extensão do pecado humano e a generosidade da redenção divina. Trata-se de uma forma devocional de contemplar a cruz sempre convidando os fiéis a estabelecerem um



relacionamento cada vez mais próximo com o Cristo crucificado (MCGRATH, 2014).

A cruz, assim, não é um simples objeto da teologia, mas a marca central que define toda teologia. Ela transcende a doutrina da satisfação vicária e se torna o alicerce de todo o conhecimento sobre Deus e a fé cristã, um elemento integral e determinante para todos os enunciados teológicos. Destaca-se o fato de que, deste modo, a cruz não é apenas um capítulo dentro da teologia, mas é a maneira correta de se fazer e compreender teologia. Ela é o ponto focal não apenas da busca por redenção e certeza da salvação, mas da perspectiva completa de cada tema teológico. Dessa forma, a cruz de Cristo é fundamental tanto para a doutrina de Deus quanto para a doutrina da obra de Cristo, sendo inconcebível qualquer questão dogmática que não a tenha como centro de perspectiva (LOEWENICH, 1988).

O debate de Lutero buscou restaurar o verdadeiro significado da cruz de Cristo, enfatizando sua importância central no processo da salvação, como podemos constatar:

Na cruz de Cristo temos a redenção, ali, e em nenhuma outra parte; esta verdade a igreja evangélica inscreveu em sua bandeira. Sua posição relativa à morte sacrificial de Cristo ainda hoje é senha para toda a igreja. Sem sombra de dúvida a igreja pode reportar-se ao próprio Lutero em sua conceituação da morte de Cristo. Para Lutero, Cristo é o mediador entre Deus e as pessoas humanas, o único mediador. Ele o é por seu sangue. Através de sua morte ele efetua conciliação objetiva entre Deus e os seres humanos. Pois para Lutero a ira de Deus é uma realidade que vem a ser anulada somente em Cristo. A doutrina da obra de Cristo também para ele constitui âmago sacrossanto da teologia. (LOEWENICH, 1988, p. 14)

Embora Lutero destaque o ato salvífico realizado na cruz, é importante enfatizar que a cruz, em si mesma, não possui significado divino ou poder próprio. Conforme abordado anteriormente, a cruz era apenas uma estrutura de madeira composta por partes distintas e não tem valor salvífico em sua essência. De fato, somente após a vida e o sacrifício de



Jesus é que a cruz adquiriu seu caráter redentor. Ela se tornou salvadora por representar o resumo e a máxima expressão da entrega de Jesus, uma radicalização de sua obediência e amor ao longo de sua vida. Assim, a cruz, isoladamente, não deve ser objeto de adoração; a verdadeira adoração é direcionada à demonstração suprema do amor de Deus, manifestada na vida, entrega e obediência de Jesus até sua morte na cruz (RUBIO, 2012).

#### 4 A MENSAGEM DA CRUZ NA IGREJA CONTEMPORÂNEA

Com base nas reflexões anteriores, esta seção procura perceber como a cruz tem sido abordada nos cultos congregacionais, especialmente em algumas igrejas evangélicas localizadas no estado do Rio de Janeiro, com o objetivo de identificar o lugar que ela ocupa em sermões, cânticos e leituras bíblicas.

##### 4.1 A centralidade da cruz nas igrejas de hoje: uma pesquisa descritiva

Dada a importância da mensagem da cruz nas Escrituras Sagradas e no pensamento de Lutero, este trabalho busca analisar como essa mensagem é tratada atualmente em igrejas evangélicas na cidade do Rio de Janeiro. Além de uma pesquisa bibliográfica, que delimita os conteúdos abordados, o estudo observa práticas realizadas em cultos de diversas denominações, como cânticos congregacionais, leituras bíblicas e homilias.

Conforme Gil (2002), pesquisas descritivas permitem identificar atitudes e crenças de um grupo, bem como associações entre variáveis. Nesse contexto, o objetivo desse estudo é verificar se a mensagem da cruz permanece central nas práticas das igrejas e entender em que medida os esforços dos escritores bíblicos e de Lutero para preservar essa mensagem ainda se refletem na igreja contemporânea.



A pesquisa foi conduzida em cinco igrejas localizadas na zona oeste do estado do Rio de Janeiro, no bairro de Bangu. Essas igrejas foram selecionadas por serem congregações numerosas, com grande presença de fiéis nas reuniões dominicais, o que, em tese, aumenta o alcance da mensagem da cruz.

A fim de preservar a identidade das instituições, as igrejas foram denominadas como: "igreja 1", uma Assembleia de Deus histórica, fundada no século passado; "igreja 2", uma Assembleia de Deus contemporânea que reúne semanalmente cerca de 1.500 fiéis; "igreja 3", uma igreja Presbiteriana; "igreja 4", uma Comunidade Evangélica com maioria de fiéis entre 18 e 30 anos; e "igreja 5", uma igreja evangélica independente.

Para a realização da pesquisa descritiva, foi necessário um levantamento detalhado de dados. Como afirma Gil (2002, pg. 131), "o objetivo básico é descrever as características dos fenômenos", neste caso, procurou-se observar se e como a mensagem da cruz é divulgada aos fiéis das igrejas mencionadas.

A coleta de dados foi realizada por meio de visitas presenciais e pela análise de transmissões ao vivo das reuniões dominicais disponíveis em canais eletrônicos, como o YouTube. Em cada igreja, foram acompanhadas três reuniões dominicais consecutivas para verificar se a cruz era mencionada nos cânticos, leituras bíblicas e/ou sermões.

A Tabela 2, abaixo, reúne os dados obtidos nas visitas presenciais e virtuais realizadas nas igrejas mencionadas, detalhando a frequência com que a mensagem da cruz foi mencionada nos cânticos, leituras bíblicas e sermões durante os cultos.

Tabela 2 - A mensagem da cruz nas igrejas evangélicas

Igreja	Sermão	Cânticos	Leitura Bíblica
Igreja 1	0	3	1





Igreja 2	0	2	0
Igreja 3	0	3	1
Igreja 4	0	0	0
Igreja 5	0	3	1

Fonte: Elaborado pelo autor

Os dados apresentados indicam que a mensagem da cruz não foi abordada nos sermões das igrejas pesquisadas, mesmo em celebrações como a Santa Ceia. Contudo, essa mensagem esteve presente em momentos musicais na maioria das igrejas, com exceção da igreja 4, onde predominam jovens entre 18 e 30 anos. Isso pode ser surpreendente, considerando-se que essa faixa etária poderia se beneficiar de um ensino mais consistente sobre a cruz, levantando o questionamento sobre onde esses jovens aprenderão a respeito de seus significados e ensinamentos.

A prática de leitura bíblica também merece reflexão. Em algumas igrejas (igrejas 2 e 4), a leitura da Bíblia ocorre apenas no momento da exposição do sermão, e não como uma prática independente. Essas igrejas, com perfis mais contemporâneos, fazem maior uso de tecnologia e efeitos visuais, escurecendo o ambiente durante os cânticos congregacionais. Em contraste, igrejas mais tradicionais e históricas, como a igreja 1 e a igreja 3, utilizam hinários clássicos que frequentemente trazem à tona a mensagem da cruz, recordando os textos dos Evangelhos e das cartas paulinas em seus cânticos e práticas litúrgicas.

Em resumo, os resultados indicam que enquanto as igrejas históricas preservam a mensagem da cruz em seus cânticos e leituras, as igrejas mais contemporâneas têm reduzido ou até omitido essa menção em suas práticas congregacionais. A ausência de uma ênfase contínua na cruz pode afastar os fiéis de uma fé alicerçada no entendimento profundo do sacrifício de Cristo.



4.2 A centralidade da cruz na igreja evangélica contemporânea Com base nas reflexões desenvolvidas neste trabalho — o chamado de Jesus para que cada pessoa tome a sua cruz, o uso significativo da palavra “cruz” nos Evangelhos – especialmente, Mateus –, as reflexões de Paulo e a reforma proposta por Lutero sobre o Cristo crucificado — surge a questão: por que a cruz não ocupa o lugar central nas reuniões das igrejas? Por que as pregações raramente destacam de forma enfática a mensagem do Cristo crucificado e o impacto de sua obra redentora para o povo de Deus? De forma bíblica, histórica e teológica, constatamos que a cruz deve estar no centro da vida cristã. As igrejas, portanto, precisam firmar sua existência aos pés do Calvário, pois o cristianismo sem a cruz torna-se uma distorção de sua essência. Assim como a cruz foi o caminho de Jesus para o Pai, ela também deve ser o caminho da igreja contemporânea (SORGE, 2022). Ao refletir sobre os sermões nas igrejas atuais, Sorge (2022) observa que os pregadores, responsáveis por expor os textos bíblicos nas reuniões, muitas vezes resistem a abordar a cruz em suas pregações. Isso ocorre porque a mensagem da cruz raramente gera aplausos ou elogios; pelo contrário, ela convida à introspecção e à consciência da dureza da crucificação. Sorge enfatiza que “a cruz é tão imensa que diminui tudo que está em sua órbita, incluindo o pregador” (SORGE, 2022, p. 20).

Diante dos resultados da pesquisa que evidenciam a ausência da mensagem da cruz em grande parte das atividades das igrejas, torna-se imprescindível que os sermões resgatem sua centralidade. Afinal, conforme, mais uma vez, afirma Sorge (2022, p. 44), “quando a cruz é exaltada, ela serve como um ímã para atrair pessoas até Cristo. A cruz é a atração mais irresistível para a fé cristã”. De fato, a igreja precisa resgatar a centralidade da cruz em tudo o que ela faz.



4.3 Desafios da igreja moderna para preservar a mensagem da cruz

O convite de Jesus para que cada um tome sua cruz é um chamado ao discipulado. “Seguir a Jesus significa desfazer todos os laços com família, profissão etc., sim, desfazer os laços consigo mesmo, negar e odiar a si mesmo para ganhar o Reino” (MOLTMANN, 2011, p. 80). O discipulado, entendido como uma união íntima com a pessoa de Jesus Cristo, leva o seguidor a submeter-se à lei de Cristo, isto é, a carregar sua própria cruz. (BONHOEFFER, 2016). Um dos grandes desafios da igreja moderna é resgatar a centralidade da mensagem da cruz, mesmo nos cânticos congregacionais. Uma tradição antiga das Assembleias de Deus é a história contida em cada hino, que não só ampara os fiéis, mas também unifica e transmite as doutrinas bíblicas pentecostais. O hino 515 do hinário das Assembleias de Deus faz referência ao chamado do missionário Gunnar Vingren, que, ao ouvir sua esposa traduzir o hino, sentiu que Deus estava respondendo aos seus questionamentos, incentivando-o a sair de Belém e iniciar a obra das Assembleias de Deus no Rio de Janeiro em 1924 (Marassi, 2012).

Assim como ocorre com boa parte dos hinos da Harpa Cristã, a tradução do hino abaixo evidencia a centralidade da cruz:

(...) Se Cristo comigo vai, eu irei. E não temerei, com gozo irei; comigo vai; É grato servir a Jesus, levar a cruz; Se Cristo comigo vai, eu irei. (...) Será a minha sorte a dura cruz levar, Sua graça e Seu poder, quero sempre aqui contar. Contento com Jesus, levando a minha cruz. Eu falo de Cristo que é minha luz. (HARPA CRISTÃ, 2000, nº 515)

Como vimos, a mensagem da cruz, presente neste hino, transmite aos fiéis o significado profundo do sacrifício e convida-os a aceitar o chamado de Cristo. No entanto, para que essa mensagem seja plenamente restaurada nas igrejas contemporâneas, é essencial que não apenas os cânticos, mas também as pregações e as leituras bíblicas no culto público resgatem a centralidade da cruz. Somente assim o ensino



sobre o sacrifício de Cristo poderá impactar profundamente a vida da comunidade, fortalecendo o compromisso de cada crente com os valores fundamentais da fé cristã.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como constatado, a mensagem da cruz tem sido gradualmente abandonada por parte da igreja contemporânea, especialmente entre igrejas mais jovens que priorizam uma abordagem excessivamente contextualizada. Esse cenário é preocupante e exige reflexão sobre os rumos da igreja brasileira.

Homens como os evangelistas, Paulo, Lutero, entre tantos outros dedicaram suas vidas, esforços e, em muitos casos, até mesmo sangue para assegurar que a mensagem da cruz fosse transmitida até os dias de hoje. Eles nos ensinam que a cruz é essencial para o fortalecimento da fé cristã e para um discipulado autêntico.

É fundamental, portanto, que a igreja contemporânea não negligencie esse alicerce, mas invista tempo e dedicação em seus sermões para proclamar a mensagem mais transformadora da Bíblia e da vida humana: a mensagem da cruz. Espera-se, assim, que a igreja atual, a cada dia viva como diz o hino 291 da harpa cristã: “Sim, eu amo a mensagem da cruz, até morrer eu a vou proclamar, levarei eu também minha cruz, até por uma coroa trocar”.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, C. E. S. (2024). Cultura Material e Religião: por uma Abordagem Mediática das Relíquias. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*. uel.br
- BARBET, Pierre. *A Crucificação de Cristo Descrita por um Cirurgião*. Tradução de João de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2018.
- BÍBLIA. Português. Bíblia de Estudo NAA. Tradução Nova Almeida Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.



- BONHOEFFER, Dietrich. Discipulado. Tradução de Murilo Jardelino. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2016
- CERFAUX, Lucien. Cristo na Teologia de Paulo. 1. ed. São Paulo: Editora Paulus, 2012
- CRAIGIE, Peter. C. Deuteronômio. Tradução de Wadislau Martins Gomes. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013
- DUFAR, L. A conclamação do Beato Urbano II em Clermont-Ferrand. 2022 Disponível em: <https://gloriadaidademedial.blogspot.com/2016/09/convocacao-de-cruzada-pelo-beato-papa.html>. Acesso em: 10 de outubro de 2024.
- FLORI, J. Guerra Santa: Formação da Ideia de Cruzada no Ocidente. Tradução: Ivone Benedetti. Campinas: Editora Unicamp, 2013.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HARPA CRISTÃ. 13ª edição. Rio de Janeiro, CPAD, 2000
- HENGEL, Martin. *Crucifixion*. Philadelphia: Fortress Press, 1978.
- KÖSTENBERGER, Andreas J.; KELLUM, L. Scott; QUARLES, Charles L. Introdução ao Novo Testamento: A Manjedoura, a Cruz e a Coroa. São Paulo: Vida Nova, 2022.
- LOEWENICH, Walther Von. A teologia da cruz de Lutero. Tradução de Walter O. Schlupp e Ilson Kayser. 1. Ed. Rio Grande do Sul, Sinodal, 1988
- MARASSI, Roberta. Conheça um pouco da história da harpa cristã. 2012. Disponível em: <https://adalagoas.com.br/>. Acesso em: 28 de outubro de 2024.
- MCGRATH, Alister E. Lutero e a teologia da cruz. Tradução de Markus Hediger. 1. Ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014
- MOLTMANN, Jürgen. O Deus crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Editora Academia Cristã. 2011
- MORCIANO, Maria Milvia. As relíquias da Cruz de Jesus, uma peregrinação de séculos entre fé e arqueologia. Vatican News, 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt>. Acesso em: 16 de setembro de 2024.
- MYRES, Ched. O evangelho de São Marcos. Tradução de I. F. L Ferreira. 2. Ed. São Paulo: Editora Paulus, 2021.
- PETERS, John Durham. The marvelous clouds: toward a philosophy of elemental media. Chicago; London: University of Chicago Press, 2015
- RATZINGER, Joseph. Do batismo no Jordão à transfiguração. 3. ed. São Paulo: Editora Planeta, 2020
- REINKE, Andre Daniel. Os outros da Bíblia: História, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino. 1. ed. Rio de Janeiro. Editora Thomas



Nelson, 2022 RUBIO, Alfonso Garcia. O encontro com Jesus Cristo vivo: um ensaio sobre cristologia para nossos dias. 15. Ed. São Paulo: Editora Paulinas, 2012

SORGE, Bob. A cruz: O modelo para sua vida com Deus. 1. Ed. São Paulo: Editora Themelios, 2021

STRONG, James. Léxico hebraico, aramaico e grego. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

STOTT, John. A cruz de Cristo. 1. Ed. São Paulo: Editora Vida, 2006.

